Prefácio

Ana Cecília de Sousa Bastos

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BASTOS, A.C.S. Prefácio. In: PONTES, V.V. *Trajetórias interrompidas: perdas gestacionais, luto e reparação* [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 13-17. ISBN: 978-85-232-2009-9.
<https://doi.org/10.7476/9788523220099.0001>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Prefácio

Sob o signo da reparação

Ana Cecília de Sousa Bastos

Muito me alegra o coração e honra meu ofício de professora escrever o prefácio do livro de Vívian Volkmer Pontes, intitulado *Trajetórias interrompidas: perdas gestacionais, luto e reparação*. A crença explicitada por Rubem Alves, segundo a qual o voo já nasce dentro dos pássaros (Alves, 1994), aplica-se como uma luva à minha própria experiência ao acompanhar o percurso de Vívian, que já chegou pronta e seu voo é belo.

Alguns trabalhos de mestrado e doutorado cumprem com o objetivo mais restrito da formação de recursos humanos para o ensino e a pesquisa – o operário importando mais do que a obra. Se bem realizados, o alcance dessa meta já os justifica. Outros, porém, vão muito além desse parâmetro e afirmam a própria obra, constituindo-se numa efetiva contribuição ao conhecimento científico em áreas específicas, revestindo-se ainda, de clara relevância social. É nesse último caso que se insere o presente livro.

Etimologicamente, um prefácio ocupa o lugar do que se diz antes – no caso, antes de introduzir o leitor à obra em pauta. O que dizer antes deste livro singular? Como dizê-lo, diante da convicção de que se trata de um texto que mereceria o mais belo dos prefácios?

Primeiro, digo do seu tema: impossível abordá-lo sem o tremor e o respeito diante do drama e do mistério da existência humana, aqui

imediatamente referidos à experiência da maternidade. Tida como óbvia e como única, tornar-se mãe é experiência das mais complexas, nunca homogênea, mas atravessada pelo inesperado, demandando o uso de novos recursos pessoais e sociais, instaurando realidades familiares até então inéditas. Tornar-se mãe acontece na fronteira entre natureza e cultura; evoca uma pertença à própria espécie e carrega, ao mesmo tempo e principalmente, as marcas das realidades culturais específicas. Para ser coerente com o referencial teórico assumido neste estudo, melhor dizer que essa experiência que carrega a cultura dentro é culturalmente organizada. (Valsiner, 2007) A maternidade, ela própria, é um signo de alta potência, e é isso que grita cada tentativa de engravidar de mulheres que sofrem perdas gestacionais recorrentes. É signo tão pervasivo que atravessa o processo de constituição da própria identidade e da identidade de gênero em particular: mesmo se uma mulher decide pela não maternidade, enfrentará, no âmbito do próprio *self* e ao relacionar-se com outros sociais, a necessidade de posicionar-se de uma forma definidora quanto à possibilidade de ser mãe, afetando decisivamente o senso do próprio *self*. (Chaves, 2009) Portanto, tornar-se mãe é uma experiência que, em sua configuração mais normativa, exige de modo quase absoluto o engajamento da pessoa e o acionamento de todos os recursos disponíveis – e de mais alguns por inventar. Nesse sentido, é uma experiência que tende à totalidade, guardando essa característica em comum através da imensa diversidade dos contextos familiares e das realidades culturais. (Levine & Levine, 2016)

O que dizer do tornar-se mãe quando acontece a perda gestacional e quando, nas palavras do poeta, a saudade se torna o revés do parto?¹

É esse o delicado mundo que a autora adentrou na construção de seu estudo. Ela o faz com grande sensibilidade e competência, e com não menor coragem. Temas dessa natureza costumam envolver o pesquisador e não existem referências metodológicas para indicar o preciso equilíbrio, os graus de distanciamento que demarquem a fronteira entre

1 Referência à canção *Pedaço de mim*, de Chico Buarque de Holanda.

ciência e drama humano. Sob esse ângulo, sou testemunha do alto nível ético do compromisso profissional e pessoal de Vívian ao longo dos muitos anos de trabalho junto às mulheres que tiveram perdas gestacionais recorrentes, além das equipes de saúde que as atendiam, tanto em serviços públicos como no âmbito privado da assistência. Sim, porque essa tese de doutorado não se fez em um dia: segue-se aos anos de atuação séria e competente nesse setor, desde a graduação e também no mestrado.

Uma implicação importante dessa inserção profissional no campo da assistência em saúde foi permitir a discussão de modelos de formação e atenção em saúde e direitos reprodutivos. O trabalho tem um alcance interdisciplinar e multiprofissional, interessando aos profissionais na área da saúde, com interfaces mais ou menos claras com outros campos, tais como o direito, a bioética, o serviço social. Situa-se em um campo que, ao mesmo tempo, reproduz um cenário de desigualdade social na atenção à saúde, sendo distintos e contrastantes os serviços e recursos materiais e instrumentais disponíveis e acessíveis no âmbito público e no privado, além de envolver novidades históricas no que se refere às possibilidades e questões abertas pelo avanço das tecnologias de reprodução assistida.

Assim, é no contexto de uma experiência humana dramática e do também complexo sistema de assistência que Vívian constrói um estudo teoricamente inovador no campo da psicologia cultural de inspiração semiótica, ao utilizar criativamente o Modelo de Equifinalidade de Trajetórias (Sato, Hidaka & Fukuda, 2009) e ao propor o construto estratégias semióticas de reparação dinâmica do *self*, para analisar de que modo mulheres que passaram por perdas gestacionais, após tal ruptura na trajetória em direção à maternidade, enfrentam essa descontinuidade no tempo e no âmbito do próprio *self*. Recorrendo mais uma vez a Chico Buarque: como lidar com essa quebra que pode ser tão violenta a ponto de ser impossível fazer “atracar no cais” essa saudade “que dói como um barco” sem pouso? Trata-se de uma dinâmica sempre presente no viver humano, que se configura como continuidade e descontinuidade, rupturas e transições.

Sentimentos complexos e ambivalentes estão comumente associados a rupturas; certamente se trata de trajetórias heterogêneas, tanto quanto às motivações e aos contextos presentes nas tentativas de engravidar diante da contingência das perdas gestacionais – e o adjetivo “recorrentes”, aqui, indica três, quatro, dez tentativas, e uma dose de sofrimento e de risco, tanto físicos quanto psicológicos, nas dimensões pessoal, familiar, social e que o observador externo pode somente imaginar. Assumindo uma concepção de desenvolvimento que só tem sentido se considerado no tempo irreversível e orientado para o futuro, a proposição dos “signos reparadores” permite abordar, para além do suposto trauma, o processo de restauração da própria vida: a autora pergunta como é possível “restaurar a conexão dos fragmentos da trajetória interrompida, construindo alguma articulação entre esses fragmentos e resgatando certo senso de continuidade”?

Essa pergunta ultrapassa a experiência da maternidade para dizer respeito a qualquer outro contexto da experiência humana – e note-se que as conclusões da autora são postas em maior nível de abstração, justamente para assinalar que se trata de um problema de toda a vida humana, de seus dramas, rupturas, continuidade. Reparação. Restauração. Dialogismo, na fronteira eu-outro. São questões na ordem do dia, ultrapassando o domínio psicológico propriamente dito – considere-se, por exemplo, a força de novos paradigmas contemporâneos como, por exemplo, o da justiça restaurativa (Zehr, 2008), a nos dizer o quanto o exercício da reparação é necessário e inadiável, no âmbito das relações entre indivíduos e grupos sociais.

Pois “o que a vida quer da gente é coragem”, como nos conta Guimarães Rosa ao dar voz ao Brasil profundo. A experiência inquietante de viver (Simão, 2016) instiga ao contínuo movimento, é generativa: reconstruímos a existência a cada momento. Restauramos o sentido de *self* e de continuidade da experiência, com arte e magia, usando recursos insuspeitados. Esse processo pode ser considerado sinônimo do próprio viver.

Por último, mas não menos importante, quero assinalar que a iniciativa da Universidade Federal da Bahia no sentido de viabilizar a pu-

blicação, por sua editora, a Edufba, dos trabalhos de doutorado que receberam menção honrosa no Prêmio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) de Teses (2015) merece os melhores cumprimentos. Tal iniciativa não apenas reconhece o trabalho sério desenvolvido em nossa universidade, mas permite que sua produção ultrapasse as fronteiras do mundo acadêmico para alcançar um público mais amplo que pode se beneficiar do conhecimento nela produzido.

Referências

- Alves, R. (2008). *Para uma educação romântica*. Campinas SP: Papirus.
- Chaves, S. (2015). The experience of voluntary childlessness: Conceptualizing a semiotic theory of resistance in the face of strong social norms. In: K. Cabell, G. Marsico, C. Cornejo & J. Valsiner (Eds.). *Making meaning, making motherhood*. Charlotte, NC: Information Age Publishing. Cap. 6, p. 81-106.
- LeVine, R. A. & LeVine, S. (2016). *Do parents matter?* New York: Public Affairs.
- Sato, T., Hidaka, T. & Fukuda, M. (2009). Depicting the dynamics of living the life: The Trajectory Equifinality Model. In: J. Valsiner et al. (Eds.). *Dynamic process methodology in the social and developmental sciences*. New York, NY: Springer.
- Simão, L. M. Simão, L. M. (2016). Culture as a Moving Border. In: G. Marsico & J. Valsiner (Eds.). *Integrative Psychological and Behavioral Sciences* (IPBS), Special Issue on Borders.
- Valsiner, J. (2007). *Culture in minds and societies*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Zehr, H. (2008). *Trocando as lentes. Um novo foco sobre o crime e a justiça*. São Paulo: Palas Athena.